

O VALOR DIALÓGICO DA LEITURA DE IMAGEM: ALGUMAS REFLEXÕES PARA O ENSINO DE ARTE A PARTIR DO PENSAMENTO BAKHTINIANO

Gilberto de Castro *
Melissa de Melo Wakim **

Resumo: Este artigo visa discutir teoricamente a ampliação do conceito de leitura para conceber outras formas de ler como prática de linguagem, levando-se em conta as possibilidades atuais de interação. Apresenta como fundamentação principal a concepção dialógica de interação própria da teoria de Mikhail Bakhtin e as discussões de Jesús-Martín Barbero, desenvolvidas pela linha dos Estudos Culturais na América Latina, sobre recepção e modelos de comunicação. A partir desse referencial, tem como objetivo apresentar reflexões sobre o sujeito, em sua capacidade de realizar “leituras” e de dialogar com o mundo, assim como questionar a leitura de imagem, mediante a diversidade de referências visuais da atualidade, para ressignificá-la, enquanto processo pedagógico para o Ensino da Arte.

Palavras-chave: Mikhail Bakhtin. Diálogo. Imagem. Leitura de imagem.

EL VALOR DIALÓGICO DE LA LECTURA DE IMAGEN: ALGUNAS REFLEXIONES PARA LA ENSEÑANZA DEL ARTE EN NEL PENSAMIENTO DE MIKHAIL BAKHTIN

Resumen: Este artículo tiene como objetivo discutir teóricamente la ampliación del concepto de la lectura para concebir otras formas de lectura como práctica del lenguaje, teniendo en cuenta las posibilidades actuales de la interacción. Presenta como fundación principal la concepción dialógica de la teoría de la interacción de Mikhail Bakhtin y discusiones de Jesús Martín-Barbero, desarrolladas por los Estudios Culturales en América Latina, sobre recepción y modelos de comunicación. Desde este marco, tiene como objetivo presentar reflexiones sobre el sujeto en su capacidad de realizar "lecturas" y comunicarse con el mundo, así como cuestionar la lectura de la imagen, dada la diversidad de referencias visuales hoy en día, ofreciendo un nuevo significado para ella, como un proceso pedagógico para la enseñanza del arte.

Palabras clave: Mikhail Bakhtin. Diálogo. Imagen. Lectura de la imagen.

Introdução

Falamos em ler e pensamos apenas nos livros, nos textos escritos. O senso comum diz que lemos apenas palavras. Mas a ideia de leitura aplica-se a um vasto universo. Nós lemos emoções nos rostos, lemos os sinais climáticos nas nuvens, lemos o chão. Lemos o mundo, lemos a Vida. Tudo pode ser página. Depende apenas da intenção de descoberta do nosso olhar. (MIA COUTO, 2009).

Quando pensamos em leitura geralmente nos vem associada à mente não só a ideia de um processo de decodificação mecânica de elementos abstratos, ou seja, de letras e palavras relacionadas, mas de alguém lendo um do texto escrito. E nessa ação, algo de especial acontece, pois nela se desenvolvem, entre outras capacidades humanas: a de se comunicar, se relacionar, elaborar e reelaborar representações. A partir desse princípio, a leitura pode ser compreendida como uma

prática potencial de produção de sentidos, pois, a partir dessa ação, entram em combinação as subjetividades do leitor com as do texto ou, de modo mais amplo, realiza-se uma experiência entre visões de mundo, por meio do signo da palavra.

Partindo dessa referência sobre leitura, é possível apostar em questionamentos sobre o ato de ler para ampliar o seu significado, em função dos modos de interação pelos quais os sujeitos dialogam na contemporaneidade. Não só a leitura do texto, mas outras formas diferenciadas de leitura podem ser valorizadas, se considerarmos que a produção de sentidos na contemporaneidade se dá pelas interações que fazemos com signos de outras naturezas, dentre as quais, o da imagem, que se faz um dos mais presentes em nossa vida cotidiana.

Para essa reflexão que envolve o ato de ler e os modos atuais de interação, recorreu-se à via teórica de Mikhail Bakhtin como fundamento principal para abordar a leitura na perspectiva dialógica. Assim, ler pode ser concebido como um dos modos pelos quais o sujeito se constrói pela e na linguagem e dialoga com os outros e com o mundo. A partir dessa ótica, também é possível estabelecer algumas associações entre a visão bakhtiniana de interação e as discussões realizadas por Jesús-Martin Barbero sobre o sujeito e recepção para questionar os modelos de comunicação na contemporaneidade. Essas discussões encabeçadas por Barbero, que evidenciam a influência da imagem nos processos comunicacionais, vêm auxiliar o entendimento do valor semântico e da produção de sentidos dessas referências visuais da atualidade geradas pela linguagem audiovisual.

A partir desse ideário, se constroem algumas indagações surgidas da prática pedagógica de ensinar arte, por meio de propostas de leitura de imagem, pois o universo imagético se mostra extenso e desafiador. Isso se apresenta como razão suficiente para provocar reflexões, com vistas à elaboração de processos diferenciados no meio escolar, destinados a ensinar, a compreender o mundo por intermédio das imagens que povoam nosso cotidiano. Com isso, é possível pensar na leitura como um “território” que pode ser ampliado e, para isso, é necessário possibilitar aos sujeitos o conhecimento e o reconhecimento de outros modos, meios, linguagens, igualmente admitidos como “pontes”, na direção de se estabelecer diálogos com outras realidades.

Sendo assim, as abordagens que seguem discutirão a leitura de imagem com o propósito de evidenciá-la como outra forma pela qual os sujeitos podem operar leituras, bem como apresentar uma discussão, com base na teoria bakhtiniana, que aponte para a ressignificação dos processos de leitura de imagem na escola, frente

às diversas e intensas mudanças nos modos de interagir com o mundo atual.

Da leitura às leituras

De início, é importante trazer alguns entendimentos a respeito da leitura e suas relações com a leitura de imagem. Se considerarmos a leitura como ação de abertura para o diálogo, relacionada ao fazer humano, em sua necessidade inerente de estabelecer relações com os outros e com o mundo, é também compreensível que o desenvolvimento da leitura – caracterizada, portanto, como prática – aconteça por intermédio de outras formas de expressão além do texto escrito. Logo, a leitura como prática, num sentido plural, igualmente vai possibilitar a interação e o intercâmbio de experiências. A esse respeito, Maria Helena Martins, em seus estudos sobre leitura e literatura, vai compreender ato de ler como um diálogo, na perspectiva de diversificá-lo e enriquecê-lo em seu significado. Conforme a autora:

[...] a leitura se realiza a partir do *diálogo* do leitor com o objeto lido – seja escrito, sonoro, seja um gesto, uma imagem, um acontecimento. Esse diálogo é referenciado por um tempo e um espaço, uma situação; desenvolvido de acordo com os desafios e as respostas que o objeto apresenta, em função de expectativas e necessidades, do prazer das descobertas e do reconhecimento de vivências do leitor. (MARTINS, 1994, p. 33).

A autora, ao sustentar a ideia do sujeito em diálogo com outras formas de expressão, também defende o objeto não só como um texto escrito. O termo utilizado por ela, o “objeto lido”, nos anuncia a ideia do leitor como um sujeito que imagina, cria realidades, elabora identificações, ou seja, busca sentidos. Essas, entre outras relações de natureza subjetiva, podem se desenvolver por intermédio de processos em que o verbal pode assumir ou transformar-se em outras ou várias linguagens. Com isso, o que se mostra relevante são as leituras de várias naturezas que o sujeito pode realizar, em sua necessidade inerente e perene de dialogar com o mundo. Nesse contexto, podemos entender que o papel do leitor enquanto sujeito também é ressignificado. Uma vez defendida a leitura como diálogo, pressupõe-se a existência de mais um elemento envolvido nesse processo: o sujeito que lê se apresenta como um dos personagens do diálogo, mas não é o único. Assim, estamos pondo em evidência tanto aquele sujeito que leu quanto aquele que elaborou o que Maria Helena Martins denomina de “objeto lido”.

No entanto, compreender o objeto como outro elemento do diálogo não se

mostra suficiente à trajetória dessas reflexões, se considerarmos a perspectiva de ampliação do que podemos conceber como leitura. O objeto como algo passível de ser lido – ou o “objeto a ser lido”¹ – necessita ser reconhecido, indubitavelmente, como fruto do pensamento do sujeito, ou ainda, como a expressão de alguém que lhe deu forma por meio de certa linguagem. Essa perspectiva encontra ressonância e apoio no pensamento bakhtiniano a respeito do sujeito e do seu encontro com o outro, representado pelo objeto criado. A esse respeito, Bakhtin sustenta que

Em todas as formas estéticas, a força organizadora é a categoria axiológica de *outro*, é a relação com o outro, [...] isso define a obra de arte não como objeto de um conhecimento puramente teórico, desprovido de significação de acontecimento, de peso axiológico, mas como acontecimento artístico vivo – momento significativo de um acontecimento único e singular do existir [...]. (BAKHTIN, 2003, p. 175).

Em suas reflexões, Bakhtin nos permite compreender que, no objeto criado, ou na obra de arte, está contida, e conscientemente construída por seu criador (ou criadores), uma expressão, uma “fala” sobre o mundo. Essa criação, por assim dizer, é um das “pontes” pelas quais se torna possível um encontro de visões de mundo, com direito a conflitos, combinações e identificações de diferentes níveis e naturezas, porém entre sujeitos. Com isso, “ler” pressupõe um encontro entre sujeitos mediados por um determinado objeto, o que indica a reafirmação do leitor como sujeito da linguagem, bem como da leitura como prática viabilizadora do diálogo com o outro, em seus diversos modos de se desenvolver num mundo contemporâneo. A ideia de que as interações entre os sujeitos e desses com o seu mundo se mostram múltiplas e bem mais complexas, se aproxima da concepção adotada pela linha dos Estudos Culturais na área da comunicação na América Latina². Uma das preocupações centrais dessa linha, ocupada em rever e sustentar epistemologicamente o debate sobre o sujeito-receptor, afirma, nas palavras de Martín Barbero, o sujeito e a sua importância nos processos comunicacionais. De acordo com Barbero:

[...] a recepção não é somente uma etapa no interior do processo de comunicação, um momento separável, [...], mas uma espécie de outro lugar, o de rever e repensar o processo inteiro da comunicação. Isto significa uma pesquisa de recepção que leve à explosão do modelo mecânico [...]. Entendo o modelo mecânico como sendo aquele em que não há verdadeiros atores nem verdadeiros intercâmbios. [...] Nele, a recepção é um ponto de chegada daquilo

que já está concluído. (BARBERO, 1995, p. 40).

Esse posicionamento nos auxilia a pensar que, num “modelo mecânico” de comunicação, conforme referencia Barbero, o “objeto a ser lido” é concebido como sendo mais importante que o leitor. Isso nos remete a algumas associações com ideias acerca da manutenção da leitura, junto à escrita, e do texto escrito como sendo o único meio de acesso ao conhecimento. De acordo com o mesmo autor, essa concepção, que conserva o modelo mecânico de recepção, está alicerçada na concepção condutivista³ de comunicação. Segundo Barbero, essa concepção “[...] faz da recepção unicamente um lugar de chegada e nunca um lugar de partida [...]. O receptor era ‘tábua rasa’, apenas um recipiente vazio para depositar os conhecimentos originados, ou produzidos, em outro lugar”. (BARBERO, 1995, p. 41).

Na perspectiva desses estudos de recepção, Barbero defende a valorização dos sujeitos nos processos comunicacionais, promovidos pelos meios de comunicação, para reconhecer as novas relações da atualidade, mediadas por linguagem audiovisual. Para Martín-Barbero:

O estudo da recepção, no sentido em que estamos discutindo, quer resgatar a vida, a iniciativa, a criatividade dos sujeitos; quer resgatar a complexidade da vida cotidiana, como espaço de produção de sentido; quer resgatar o caráter lúdico da relação com os meios; [...] temos que estudar não o que os meios fazem com as pessoas, mas o que fazem as pessoas com elas mesmas, o que elas fazem com os meios, sua leitura. (BARBERO, 1995, p. 54-55).

A concepção sustentada por Barbero acerca dos processos de recepção, que reconhecem o sujeito como agente principal do diálogo com o objeto lido, contribui para a compreensão de que a comunicação, em seu sentido mais complexo de interação, pode ainda conferir à leitura, outra dimensão de diálogo, quando relacionada à concepção bakhtiniana de sujeito. Para Bakhtin, o agente do diálogo “[...] como sujeito e permanecendo como sujeito, não pode tornar-se mudo; conseqüentemente, o conhecimento que se pode ter dele só pode ser *dialógico*.” (BAKHTIN, 2003, p. 400). Por meio dessa visão, é possível firmar o sujeito como alguém que não é passivo nas interações que vivencia. Ao contrário, ele é o agente que, ao ler, se transforma, porque responde semanticamente ao objeto, seja ele um poema, uma canção, uma pintura ou imagem de um comercial de TV. Todas essas expressões, numa perspectiva dialógica, representam um encontro de subjetividades.

Assim, ao evidenciar a leitura num sentido plural, são levadas em conta outras expressões, outras linguagens geradas pela combinação da palavra com imagem e o som, como agentes responsáveis pela diversificação das formas de se dialogar na contemporaneidade. Essas expressões (cinema, televisão, vídeo, Internet), produzidas pela linguagem audiovisual, e diferente do referencial imagético próprio do universo das Artes (pintura, gravura, desenho), também podem vir a representar ao leitor, um referencial visual relevante para se alcançar uma experiência com a imagem.

Diante disso, é possível pensar que ler e conhecer hoje estão relacionados a processos e práticas mais complexos na trajetória do ser humano para compreender o mundo. Nessa mesma direção, retoma-se o debate de Martín-Barbero junto a Germán Rey. Para Barbero e Rey (2004), o conhecimento pode estar diretamente associado à capacidade de ver na contemporaneidade. Uma vez reconhecida o poder transformador da leitura, é preciso também reconhecer as transformações nos modos de ler. Nessa perspectiva, Barbero e Rey expõem que:

Se nem se escreve, nem se lê como antes é porque tampouco se pode ver, nem expressar como antes. É toda a axiologia dos lugares e das funções das práticas culturais da memória, do saber, do imaginário e da criação que sofre uma séria reconstituição. (BARBERO; REY, 2004, p. 18).

Essas afirmações dos autores, além de nos atentar para o fato de estarmos envolvidos por imagens, nos sinalizam que hoje elas são os principais elementos pelos quais os processos comunicacionais se desenvolvem. Nesse sentido, de acordo com Barbero e Rey (2004), é possível constatar que os modos de ler e aprender atualmente estão relacionados a infinitas associações, conexões que aproximam os limites entre saberes.

A partir desse pensamento, é possível afirmar que as imagens da linguagem audiovisual se fazem intensamente presentes na vida dos sujeitos, em muitas das suas práticas cotidianas, produzindo um intenso volume de informações visuais, relacionado direta e indiretamente com a comunicação, arte e cultura. Por esse motivo, essas imagens desempenham um importante papel na formação de intersubjetividades, por conter elementos expressivos capazes de nutrir olhares, produzir discursos, suscitar diálogos, reafirmando-as em sua propriedade semântica de se reformular e de se reinventar a todo instante.

Nesse sentido, as palavras de Rosa Maria Bueno Fischer podem reforçar e exemplificar a importância de imagens dessa natureza nos processos atuais de interação. A autora admite as imagens advindas do universo televisivo como formações semânticas que transitam entre os sujeitos e estabelecem diálogos diferenciados, pois pertencem a uma rede discursiva gerada por, para e entre sujeitos. Essa “rede” comporta inúmeras significações que se materializam como imagens na tela da TV, as quais provocam identificações do sujeito enquanto telespectador com o que é visto. Sobre isso, Fischer expõe que:

Quando assistimos à TV, pode-se afirmar que esses olhares dos outros também nos olham, mobilizam-nos, justamente por que é possível enxergar ali muito do que somos (ou do que não somos), do que negamos ou daquilo que aprendemos a desejar ou a rejeitar ou simplesmente apreciar. [...] nós sempre estamos um pouco naquelas imagens. Nossa experiência com objetos artísticos ou, mais amplamente, com os diferentes artefatos culturais – filmes, pinturas, [...] programas de televisão –, especialmente aquelas que nos tomam por completo o olhar, diz respeito a um aprendizado muito específico, de nos olharmos também naquilo que olhamos. (FISCHER, 2003, p. 12).

Na perspectiva do pensamento de Fischer, que ilustra uma rede de discurso formada a partir das interações dos sujeitos com a visualidade televisiva, é possível trazer novamente a teoria bakhtiniana para entender o sujeito como aquele que dialoga semanticamente, e por consequência, entra em conexão com um conjunto de pensamentos. De acordo com Bakhtin (2003), o sujeito constrói sentidos dialogicamente, de maneira constante e infundável, com associações com o que está no presente e no passado. Sendo assim, a dimensão dialógica reafirma um sujeito que pode ser compreendido amplamente em suas capacidades de realizar diversas conexões com o mundo que o cerca. Nessa direção, a perspectiva bakhtiniana de diálogo, de natureza dialógica, ao qualificar o sujeito nas suas práticas de interação, se apresenta como uma importante via conceitual para se pensar sobre reconfigurações nos modos de ler e ver.

Leitura de imagem na escola

Ensinar a ler imagens hoje se tornou uma ação necessária, própria do nosso momento em que o conhecimento e a informação são intensamente mediados por

imagens. Contudo, antes de associar a leitura de imagem à perspectiva teórica bakhtiniana que sustenta essas reflexões, faz-se necessário expor algumas referências a respeito da leitura de imagem.

Inicialmente, é preciso destacar que o termo “leitura de imagem”, encontra o seu alicerce, como proposta pedagógica, na Metodologia Triangular⁴. Destaca-se nessa Proposta, a ideia da obra de arte como texto, a produção artística como um processo de contextualização de significações, no propósito maior de discutir questões relacionadas, mais intimamente, à obra de arte enquanto objeto de interpretação. Tendo esse referencial como base, é possível destacar que tanto a leitura da obra da arte, quanto outros processos voltados para a leituras de imagem de perspectiva semiótica, apresentam elementos que os distinguem e outros que os aproximam. A distinção entre elas se dá principalmente pelo contexto histórico, educacional e cultural em que foram pensadas e criadas. Por outro lado, uma das razões que as unem, é sem dúvida, o propósito de oferecer aos professores e educadores, propostas para ensinar a ler imagens, para que crianças e jovens possam aprender por meio das imagens da arte. Essas propostas, concebidas e sistematizadas como processos de leitura diferenciada, têm como objeto a ser lido, a obra de arte, sendo a linguagem da pintura, a mais explorada. Outro aspecto que unifica essas propostas diferenciadas de leitura é que todas percorrem a direção “objeto-sujeito”, e vice versa, ou seja, o sentido percorrido pelo sujeito que lê e o objeto (obra de arte), vai configurar um modelo unidirecional de interação em que a perspectiva de diálogo com o criador do objeto fica subentendida.

Nessa perspectiva, portanto, a prática da leitura de imagem irá igualmente, comportar uma revisão, a fim de levar em conta a natureza polissêmica da imagem, apoiada na perspectiva dialógica da visão bakhtiniana para compreender as possibilidades de leitura de imagens provindas da linguagem audiovisual que movimentam, em grande parte, os atuais processos comunicacionais.

O valor dialógico da Leitura de imagem

Para refletir sobre as imagens de televisão, do cinema ou de vídeos na rede mundial de computadores enquanto representação de sujeito e de mundo é preciso que seja admitido, a princípio, que tais imagens sejam entendidas não como fim ou objeto, e sim como fonte de significações, pois são capazes de provocar e estimular o desenvolvimento de outros modos de ver, perceber, sentir e aprender. As

experiências de encontro com o “objeto a ser lido” dessa natureza, independente da linguagem, tempo e espaço em que foram realizadas, podem ser reafirmadas como um modo de interação das subjetividades dos sujeitos. Esse pensamento permite reforçar a natureza polissêmica da imagem, criada a partir de uma multiplicidade de significados provindos das “vozes” que a compõe.

Sendo assim, é possível atribuir a esse tipo de imagem, no interior da teoria bakhtiniana, um significado mais amplo quando relacionada ao conceito de enunciado, ou ainda a um conjunto de enunciados, para evidenciá-la em seu valor semântico e em seu potencial discursivo. Com isso, o entendimento da imagem adquire outro alcance e importância. É possível sustentar que uma imagem é o resultado de uma série de outras imagens materializadas ou ainda latentes no pensamento dos sujeitos, formadas por uma rede discursiva que incluiu referências semânticas de muitas espécies, e que conservam também o caráter de evento inédito de formação de sentidos. Conforme Bakhtin, “[...] o enunciado nunca é apenas um reflexo, uma expressão de algo já existente fora dele, dado e acabado. Ele sempre cria algo que não existia antes dele, absolutamente novo e singular e que ainda por cima tem relação com o valor [...]”. (BAKHTIN, 2003, p. 326).

Nesse sentido, pela ótica bakhtiniana, é possível afirmar que os discursos provindos da imagem, independente da linguagem pela qual foi gerada, representam propostas de intersecção de ideias e de identificações semânticas. Conforme Bakhtin “O discurso nasce do diálogo como sua réplica viva, forma-se na mútua orientação dialógica do discurso de outrem no interior do objeto.” (BAKHTIN, 1988, p. 88-89). Esse diálogo entre discursos, que pode ser instaurado pela imagem, evidencia a importância da resposta no sentido bakhtiniano. E nessa direção, a resposta é dos aspectos mais importantes da dinâmica dialógica quando se pretende defender a leitura de imagem como prática que contribui para que o leitor seja compreendido em sua capacidade plural de interagir. Logo, se houve intercâmbios semânticos é porque também houve respostas: o pensamento do leitor encontrou-se com o pensamento do outro.

Com isso, os princípios do diálogo e da resposta apontam a direção da concepção de leitura de imagem que permite considerar as imagens geradas pela linguagem audiovisual como dinâmica da própria linguagem em forma de expressão contemporânea. Esse posicionamento afirma o sujeito bakhtiniano, em sua capacidade de responder a essas imagens e de dialogar com elas.

As imagens, portanto, podem ser consideradas, à luz da teoria bakhtiniana,

como formas enunciativas que compõem concretamente a vida cotidiana dos sujeitos, pois também os interrogam, evocam respostas. Segundo Bakhtin (2003), entende-se que os enunciados possuem natureza especificamente dialógica. Uma vez concebida a imagem em seu potencial de interação, é possível igualmente considerá-la como fruto das relações dialógicas e, portanto, capazes de enunciar. Portanto, a imagem em seu caráter enunciativo, pode ser visto como um elemento mediador de interpretações de mundo. Nessa perspectiva, a leitura de imagem torna possível perceber a constituição semântica, a vocação discursiva, bem como, o potencial responsivo que a imagem pode carregar. Sendo assim, ler uma imagem de ontem e de hoje, daqui ou de qualquer outro lugar, é também levar em conta o seu potencial discursivo e a sua natureza enunciativa, que abre possibilidades de interação, ou seja, de perceber, questionar, confrontar visões de mundo por intermédio da multiplicidade de vozes que a imagem pode conter. Isso significa compreender o sujeito que lê como ser que se desenvolve e se transforma nas relações dialógicas, ou no encontro entre subjetividades na concretude de suas práticas.

Considerações finais

Se entendermos, a partir do pensamento bakhtiniano, que as imagens são igualmente formas de produção simbólica e ponte para se dialogar com o outro, estaremos dando vez a outras sensibilidades e experiências em nossa prática de ensinar. Isso significa uma possibilidade de se redesenhar os processos de ensino e aprendizagem disciplinares e interdisciplinares. Isso demanda, igualmente, uma responsabilidade que hoje se impõe não só aos processos de leitura de imagem para o ensino de arte, mas, de modo amplo, para todos os processos de ensino, se for levado em conta que ver, além de ser uma experiência visual, também necessita ser uma experiência cultural e estética em seu sentido filosófico.

Esse fato que nos impele a refletir sobre as abordagens a serem incorporadas às práticas pedagógicas no ensino formal implica em considerarmos as diversas possibilidades da imagem que circulam na sociedade e compõem a vida contemporânea. Assim, a ideia de dialogar com a imagem, além de ser mostrar como um inesgotável exercício reflexivo a partir do conceito de diálogo, à luz do pensamento bakhtiniano, é também uma tentativa de ressignificação da leitura de imagem como processo de ensino.

Desse modo, as necessidades que surgem em função de novas condições que o atual quadro imagético impõe às relações sociais e estas à escola, impulsionam revisões conceituais tanto da imagem quanto de sua leitura para se buscar outras compreensões sobre o sujeito na escola, em suas novas formas de interação e de produção de sentidos, na perspectiva de valorizar a sua capacidade de realizar múltiplas leituras e de transformar a si e a sociedade.

Quando relacionada ao referencial teórico bakhtiniano, de modo a destacar sua especificidade enquanto enunciado, a imagem e seus processos de leitura tornam-se vias potenciais de interação que encontraram na perspectiva dialógica mais uma possibilidade de discussão. Com essas associações entre concepções foi possível salientar, dentre tantos aspectos possíveis que a leitura de imagem pode contemplar: a relação entre as subjetividades - a do sujeito com o outro – o autor, mediados pela obra, como também as possibilidades de expressão do sujeito, ou aquele que se manifesta diante do que foi significativo para ele e que lhe gerou sentido.

Nessa direção, as reflexões sobre a leitura de imagem buscaram alcançar uma abordagem específica sobre o ato de leitura em seus elementos potenciais de interação e construção do conhecimento. Esse é um dos aspectos da sociedade e da cultura que exige revisões nas propostas educativas em relação às referências visuais que passam pela seleção, especialmente pelo professor de arte. A educação do olhar, junto à produção de sentidos, que busca fortalecer a capacidade discente de análise, na perspectiva de dar espaço às experiências mais orgânicas que levem em conta as circunstâncias estéticas midiáticas e culturais na escola, evidencia a leitura de uma imagem em sua capacidade enunciativa. Isso significa que, por meio de processos de leitura de imagem na escola, é possível tornar tangíveis as intersubjetividades dos sujeitos, oportunizar a interpretação de discursos, quando valorizada a vocação que a “forma” possui em se “transformar” novamente em pensamentos e ideias. A transposição do processo leitura de imagem à teoria bakhtiniana, veio apontar a importância de se primar pelos sujeitos e por experiências que correspondam às suas expectativas, necessidades e contextos. Com isso é possível conceber que um encontro com a imagem é sempre um encontro com o outro, propiciado pela linguagem vivida na concretude das relações cotidianas.

Notas

* Gilberto de Castro é doutor em Linguística pela Universidade de São Paulo (2001). Atualmente é professor Associado da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e atua como professor do Programa de Pós-Graduação em Educação, orientando trabalhos que debatem os problemas da educação linguística brasileira, inspirados nas ideias do Círculo de Bakhtin e da Análise do Discurso Francesa. E-mail: castrog@ufpr.br

** Melissa de Melo Wakim é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e professora da disciplina de Artes da rede pública do estado do Paraná. Possui licenciatura em Educação Artística, com Habilitação em Artes Plásticas, pela Faculdade de Artes do Paraná (FAP). Especialista em Fundamentos Estéticos para a Arte Educação (FAP). E-mail: melissawakim@gmail.com

¹ O termo “objeto a ser lido” foi derivado da expressão “objeto lido”, utilizada por Maria Helena Martins para denominar aquilo que se apresenta visualmente como objeto passível de ser lido.

² A linha dos Estudos Culturais na América Latina, representada pelo teórico da comunicação Jesús-Martín Barbero, Guillermo Orozco Gómez e Néstor Garcia Canclini, entre outros nomes importantes, discute, de modo geral, temas ligados à recepção, sociedade e cultura na contemporaneidade.

³ De acordo com Jesús-Martín Barbero, a concepção condutivista, encontra-se “fundida com outra epistemologia, a iluminista, segundo a qual o processo de educação, desde o século XIX, era concebido como um processo de transmissão de conhecimento para quem não conhece”. (BARBERO in SOUZA, 1995, p. 41).

⁴ A Metodologia Triangular, desenvolvida pela pesquisadora e educadora Ana Mae Barbosa é uma das mais importantes e difundidas propostas de leitura de imagem para o ensino de Arte no Brasil, desde a década de 1990. A Proposta se caracteriza, basicamente, por três operações que não se dissociam: ler a obra de arte, fazer arte e contextualizá-la. Essas ações tinham a função primordial de valorizar a produção do aluno e possibilitar a ele a cognição em arte, pois até então, o ensino de arte não era pautado em sistematizações que relacionavam arte ao conhecimento e à educação estética.

Referências

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Questões de Literatura e de Estética – A Teoria do Romance**. São Paulo: Hucitec, 1988.

BARBERO, J-M. América Latina e os recentes: estudo da recepção em comunicação social. In: SOUZA, M. W. (org.). **Sujeito o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BARBERO, J-M.; G. REY. **Os exercícios do ver**: hegemonia audiovisual e ficção televisiva. São Paulo: SENAC, São Paulo, 2001.

FISCHER, R. M. B. **Televisão & educação**: fruir e pensar a TV. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FRANÇA, V. A TV, a janela e a rua. In: FRANÇA, V. (org.) **Narrativas televisivas**: programas populares na TV. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MARTINS, M. H. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PILLAR, A. D. Leitura e releitura. In: PILLAR, A. D. (org.). **A educação do olhar no ensino das artes**. Porto Alegre: Mediação, 2011.

Recebido em: janeiro de 2014.

Aprovado em: abril de 2014.